

## COM A AMI, SOLIDARIEDADES EM ÁFRICA\*

África foi o destino das nossas inter-  
lectoras. Por três meses estiveram  
em países lusófonos. Vivências  
ouviu da Isabel e da Glória as experiências  
vivas respectivamente em Cabo Verde e S.  
Tomé e Príncipe.

Parte-se em missão, solidária em absoluto,  
já que as participantes, não usufruem de  
vantagens materiais. As motivações são  
mais profundas. O impulso acontece, sedi-  
mentado numa rede mista de solidariedade,  
prazer pelo desconhecido, novas experiên-  
cias, aventura. Misto de vontade de dar e,  
com certeza, prazer de experienciar.

Em Cabo Verde, a Isabel foi dar continuidade  
a uma missão já existente. Quando chegou,  
acompanhada pelo marido, também enfer-  
meiro, apresentaram-se no Ministério da  
Saúde. Daí seguiram para Vila Pedra Badejo,  
o local de trabalho, concelho de Santa Cruz,  
ilha de S. Tiago. Uma zona endémica de  
paludismo. Lá, encontraram e fizeram  
equipa com dois colegas Cabo Verdianos, um  
médico e uma técnica de análises.

Em S. Tomé e Príncipe, cada organização não  
governamental fica com um distrito, a Glória  
ficou no Kaoé, na ilha de S. Tomé, com a res-  
ponsabilidade de abrir o Hospital de Angra  
Toldo. Hospital que conjuntamente com os  
dois únicos Centros de Saúde de todo o dis-  
trito, contava com uma única médica, a com-  
panheira da AMI que viajou com a Glória.

O alojamento da missão foi efectuado numa  
antiga casa colonial na Roça Mikondó  
(árvore embondeiro). Casa em mau estado  
mas que se adaptou à função.

Os primeiros dias foram vividos com muita  
expectativa, vontade de trabalhar e alguns  
sustos. Logo as alertaram para o perigo da  
existência de uma cobra que mata, mas com  
o ponto fraco de não ver bem, pelo que a  
melhor defesa se constituiu na imobilização  
perante a sua presença. Na primeira noite o  
grande susto, "acordar com algo a mexer aos

pés da cama, ficar quieta, muito quieta até  
recuperar o sangue frio e perceber que  
afinal apenas se tratava de inofensivos ratos."

Sorte diferente teve a Isabel em Cabo  
Verde. Alojada no único prédio da Vila  
Badejo, retocado para a instalação desta  
missão da AMI. Numa zona que na opinião  
de cooperantes de outras organizações,  
parecia impossível de habitar. Casa que era  
para ser Hospital Psiquiátrico, com janelas  
no alto, onde não se podia chegar. Para ver  
o mar ia-se à varanda. Tomava-se banho,  
só de água fria, quando não havia cortes,  
em bacia providencialmente colocada para

Nos dias dos domicílios, a população era  
avisada pelo passa palavra, a comunicação  
oral a funcionar em pleno. "famos com todo  
o material para determinada zona, e lá, em  
casa emprestada, vacinávamos e víamos as  
grávidas."

Do serviço de urgência do hospital encarre-  
gou-se o Manuel Jorge, marido da Isabel.  
Com material escasso fazia-se o que se  
podia. No internamento, geralmente não  
ficava ninguém. Quando necessário "o  
doente levava roupa e comida, havia farmá-  
cia, com aspirina e um antibiótico, pouco



o efeito. Baratas e osgas, por companhia  
ocasional. E, sorte das sortes, condomínio  
com os correios locais e a sua gentil funcio-  
nária, a proporcionar facilidades nos horá-  
rios de comunicação com Portugal.

Em Cabo Verde, a Isabel ocupou-se sobre-  
tudo da saúde materna e infantil, nutrição e  
planeamento familiar. Deu seguimento ao  
programa PMI da UNICEF. Toda a semana  
ocupada da seguinte forma: Segundas, vaci-  
nas; Terças e Quintas, domicílios; Quartas,  
grávidas; Sextas, planeamento familiar e  
nutrição.

mais". Existia um autoclave que ninguém  
sabia utilizar, foram feitas as instruções para  
o seu uso. Muito material era esterilizado em  
panelas de pressão, as mesmas onde algu-  
mas das vezes as técnicas ferviam o milho.

Zona de muito paludismo e de tétano, "o  
cordão umbilical era cortado a dente ou  
com uma cana, e punham-lhe tabaco."

Para ir à consulta vestiam o melhor vestido.  
Era necessário "pensar sempre antes de  
agir, para não chocar as populações, não  
ferir susceptibilidades". Sobretudo na con-

\* Da responsabilidade de Paulo Queirós e José Carlos Santos

sulta de planeamento familiar onde os hábitos e costumes, as regras e as normas se confrontam com o nosso etnocentrismo monogâmico. "Quando uma mulher tem marido novo, deixa de vir ao planeamento familiar porque quer ter filhos". Embora se pretendesse, que as coisas fossem de outra forma, as mulheres iam à consulta de planeamento sobretudo para levantar as pípu-las. "Uma vez atendi uma mulher com 5 filhos, um de cada marido. Não podíamos aconselhar laqueações, pois, como seria, se ocorresse um surto diarreico e os filhos morressem?"

A Glória em S. Tomé, não deixou de organizar o que era inesistente ou desorganizado, era essa a missão da AMI. "Pedindo-se apoio às pessoas mais influentes, dividido por roças, fez-se o levantamento populacional." Tarefa que não foi fácil, já que o simples facto de colocar as fichas por ordem alfabética constituía uma dificuldade. Também muitas das pessoas não sabem a idade, outras tem um duplo nome, escondendo o do baptismo para que não sejam amaldiço-



adas pelo "Jandi", o feitiçeiro sempre presente. As pessoas antes de recorrer ao médico ou a outro técnico recorrem ao feitiçeiro/curandeiro, ele é para todos os efeitos o primeiro agente de "saúde".

Em S. Tomé deu-se início a um programa de vacinação, com vacinas colocadas à disposição pela UNICEF. Socorrendo-se de um jipe, o pessoal da AMI, ia de roça em roça. Contando com o apoio dos técnicos sanitá-

rios locais faziam consultas, vacinação, muitas vezes dentro do jipe ou à sombra de uma palmeira.

Não havia horas de trabalho, as pessoas sabiam onde estavam os técnicos da AMI porque viam o jipe. Estavam um dia a jantar, onde às vezes se ia comer, e entra uma senhora com um bebé de 9 meses ao colo. O bebé tinha febre. Viviam na zona mais afastada da ilha. Após terem andado perto de 45 Km a pé, tiveram de os alojar no hospital.

De jipe faziam-se muitas evacuações, para a cidade, a duas horas de caminho. "Uma das vezes quase que tivemos de fazer um parto dentro do jipe." A ambulância, oferecida pelos alemães, nem sempre tinha gasolina, ou não estava disponível porque servia de transporte dos funcionários do hospital, já que transportes públicos também não havia.

Dos problemas encontrados, a Glória destaca sobretudo o das carências alimentares. A FAO doava alimentos, mas a distribuição era muito deficiente nem sempre chegava aos

destinatários. Nas consultas uma vez disseram-me "miúda pequena, vai com doutora, vai para Lisboa, leva-a ... tem comida, tem educação ... leva-a para criada."

Em Cabo Verde o dia a dia era vivido com uma boa integração nas condições locais. Horário de trabalho das 8 horas às 18 horas com intervalo para almoço. Havia frigorífico mas com os cortes de electricidade não se podia congelar, passava-se regularmente

pelo mercado, e tinha-se carne, previamente encomendada, de 15 em 15 dias.

O que é mais recordado com saudade pela Isabel são as visitas domiciliárias, onde melhor se observava. Recorda "os bailes, aquela maneira de conviver". Foram muito bem recebidas pela população que confiava neles. Numa das últimas vezes que fez vacinação, já se tinham acabado as vacinas e, apareceu uma família com 5 filhos. A Isabel ficou desesperada, lá lhes apelou para irem no dia a seguir ao Centro de Saúde, cheia de receio que não aparecessem. Certo é que no dia seguinte estavam lá todos para ser vacinados.

De convívio também foi feita a estadia em S. Tomé. Os bailes e os tambores assim o proporcionavam. Mas também algumas frustrações por falta de apoios das estruturas. Pensar que "nas unidades intensivas se gastam centenas de contos com doentes com prognósticos duvidosos, e lá, com simples 50/60 contos dava-se de comer durante um mês aquela gente."

De S. Tomé três coisas se recordam: "A população que era um espectáculo; Dançar; Pessoas espontâneas e dadas."

Na opinião da Glória aprende-se sobretudo no contacto com uma realidade cultural completamente diferente. "Se voltar levo no saco objectivos bem estabelecidos para a missão, frigorífico, medicamentos e uma viola."

"Aqui, se não for fazer o meu serviço há outro qualquer que o faz, lá eu sei, se não for eu, ninguém o faz."

#### ABREVIATURAS:

AMI - Assistência Médica Internacional. Organização não governamental, fundada há 9 anos, preocupada com a presença humanitária portuguesa no mundo.  
UNICEF - Organismo especializado das Nações Unidas, criado pela Assembleia Geral em 1946. Colabora em programas de saúde, nutrição e bem-estar infantil.  
FAO - Organização das Nações Unidas para a agricultura e alimentação, criada em 1945.

#### FONTES:

Depoimentos:  
- Isabel, Enfermeira no IPO de Coimbra, em Cabo Verde no ano de 1988.  
- Glória Durão, Enfermeira no CALC, em S. Tomé e Príncipe no ano de 1989.  
Fotografias: Gestilmentes cedidas pela Ex<sup>ta</sup> Isabel e Ex<sup>ta</sup> Glória.

SV